



# FERNANDO DE LIGÓRIO

## TEURGIA & GOËCIA

Desde a Antiguidade, o termo *magia* tem ganhado conotações pejorativas e tem sido associado a prestidigitação e trapanças de todos os tipos.<sup>1</sup> Tanto *mageia* quanto *goêteia* eram sinônimos de *feitiçaria*,<sup>2</sup> um tipo de prática mágico-cerimonial de caráter inferior devido às inclinações particulares de quem pratica, e não pelos métodos ou procedimentos que se realiza,<sup>3</sup> muito embora esse também seja um tema deveras debatido.<sup>4</sup> O Séc. III d.C. apresentou uma disputada

<sup>1</sup> Na primeira seção dessa lição, *mageia* é interpretada dentro do contexto iniciático da Tradição Hermética que compreende a prática da mística filosófica especulativa do CORPUS HERMETICUM atribuído a Hermes e a aplicação da magia como delineada nos PAPIROS MÁGICOS GRECO-EGÍPCIOS. As palavras de Peter Kingsley em seu artigo CONHECER PARA ALÉM DO CONHECER: O ÂMAGO DA TRADIÇÃO HERMÉTICA ressalta a diferença entre a prática mágica hermética e a feitiçaria (*goêteia*): *No centro da tradição Hermética reside a necessidade de um determinado tipo de conhecimento: gnose, ou conhecimento do divino. Isto é algo inteiramente diferente dos tipos formais de conhecimento, que nos separam e distanciam do que julgamos que sabemos.* A diferença entre um *magoi* (mago) ou *teletai* (sacerdote) e o *goês* (feiteiro) é essa: um mago convoca os *daimones* em benefício da Alma de seus clientes, um feiteiro convoca os *daimones* em benefício dos desejos materiais de seus clientes. Um teurgo, por outro lado, não têm clientes, pois seu interesse é apenas em salvar a sua Alma e seu contato com os *daimones* serve a princípios essencialmente espirituais. Sua vida é orientada por princípios filosóficos genuínos.

<sup>2</sup> O termo *feitiçaria* (*goêteia*) está associado desde a Antiguidade a uma classe inferior de magia conectada aos PAPIROS MÁGICOS GRECO-EGÍPCIOS sem o desenvolvimento espiritual atribuído a mística do CORPUS HERMETICUM. Embora muitas sejam as tentativas desde a Antiguidade tardia de ressignificar a feitiçaria, ainda permanece o tom pejorativo de seu exercício. Veja a *lectio divina* TEURGIA & GOËCIA na Lição 2.2. Alex B. Elias, estudioso profundo e magista habilidoso, tem sua definição particular do termo *feitiçaria*. Para ele, feitiçaria é a arte de movimentar a matéria psíquica através de bases materiais. Neste sentido, o simples fato de se acender uma vela em uma oração ao *daimon pessoal*, por exemplo, já é uma prática de feitiçaria.

A partir da obra de Agrippa e dos grimórios medievais de magia, o termo *goêteia* passou a ser associado a evocação magística de 72 *daimones* classificados dentro de uma estrutura judaico-cristã. Estes 72 *daimones* são uma herança medieval da classificação hierárquica do neoplatonismo tardio dos 72 Deuses Sub-Lunares, quer dizer, *deuses abaixo da Lua*, também conhecidos como os Deuses Hilíticos, Arcontes Materiais ou simplesmente Arcontes. Eles dominam o cosmos material abaixo do reino da Lua, que é o último dos céus. Eles estão cercados pela matéria e são marcados por uma jactância em poder e ação. Sua aparência é instável, muda de forma e tamanho devido a sua proximidade com a matéria. Eles trazem consigo os melhores aspectos da vida material, ao mesmo tempo em que atraem para si o caos do mundo material. Os Deuses Sub-Lunares são materiais e se misturam com os elementos, são sombrios e divididos. Eles também estão cercados por fantasmas poderosos que podem afligir a Alma (o que imediatamente traz à mente a comitiva de Sátiros e os Bacanais de Dionísio). Em uma visão teúrgica, os Deuses Sub-Lunares manifestam-se vagamente, cercados pelo acúmulo de matéria, mas com certa autoridade, pois reúnem em torno de si elementos materiais e sua própria ordem.

<sup>3</sup> Veja a *lectio divina* TEURGIA & GOËCIA na Lição 2.2. A *lectio divina* é um exercício espiritual de contemplação em um texto. O termo *exercício espiritual* aqui é utilizado como na obra de Pierre Hadot, uma prática de vida filosófica, o que implica em profundas mudanças *espirituais*, quer dizer, em todo complexo psíquico. Veja EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS E FILOSOFIA ANTIGA, realizações, 2014. Pessoalmente, melhorando Hadot, eu colocaria desse modo: o exercício espiritual, que se trata de uma prática ou estilo de vida filosófico em acordo com a filosofia antiga, reestrutura e equilibra todo o complexo da consciência. Hadot estabelece Sócrates como o arquétipo fundamental do filósofo. Alguns amigos filósofos têm estabelecido que o arquétipo ideal do filósofo devesse ser encontrado entre os filósofos pré-socráticos. Mas não havia filosofia, como um projeto, antes de Sócrates, Platão e Aristóteles. Pessoalmente, penso que o berço da Tradição Ocidental de Mistérios é uma pirâmide: sua base começa com Pitágoras e seu ápice termina em Jâmblico. O arquétipo perfeito ao filósofo é àquele, portanto, que combina filosofia e teofania, resgatando assim a tradição filosófica antiga.

<sup>4</sup> O tradicional *corte* ou *sacrifício de sangue* foi um tema amplamente debatido pelos filósofos neoplatônicos, gnósticos e cristãos do Séc. III. Os cristãos, mas também os gnósticos e alguns filósofos neoplatônicos, criticavam duramente os sacrifícios de sangue, dizendo serem eles impróprios aos deuses, servindo apenas a

questão na taxonomia e na definição de suas práticas e *qualidade* de ritual. Em meio a essa disputa, a teurgia neoplatônica também foi acusada ter equivalência com a prática da magia (*goêteia*, *feiticeira*). Jâmblico, filósofo e teurgo, era um homem que combinava o refinamento e a profunda inquirição espiritual filosófica com a devoção e a teofania de um hierofante de mistérios. Ele se esforçou em demonstrar que a teurgia tratava-se de uma prática cerimonial de tipo superior, aliada a um estilo de vida filosófico. Jâmblico ensinava que a teurgia é o complemento religioso-cerimonial da filosofia, acreditando que somente a devoção inspirada poderia levar o filósofo do *ver* para o *ser* em um arrebatado estado de união com o divino (*henosis*).

Magia, do grego *mageia*, é a arte dos magos, do grego *magus*. O termo foi amplamente utilizado em toda região do Mediterrâneo desde a Antiguidade e talvez antes. A palavra *magus* vem da palavra persa *magoi*, referência a um posto sacerdotal ou alguém letrado em assuntos religiosos, não havendo diferença entre magia e religião. Foram de Heródoto (485 a.C.) os primeiros relatos sobre os *magoi*, sacerdotes persas responsáveis pelos sacrifícios reais, ritos fúnebres, divinação por oráculos, interpretação de sonhos, especialistas em maldições, profecias, encantamentos, conjuros e tudo o que concerne aos deuses. Platão também fala sobre os *magoi* em seu apócrifo ALCEBÍADES ao citar os professores dos jovens persas: *O primeiro desses mestres ensina a ciência dos magoi, o saber mágico de Zoroastro, filho de Horomazes, inclusive a veneração de seus deuses, e o saber que cabe a um rei.*<sup>5</sup> Os *magoi* eram os *paidagogos* persas, os *condutores das crianças*, quer dizer, seus educadores. Platão continua: *o mais justo o ensina a ser autêntico por toda sua vida; o mais autocontrolado a não ser dominado sequer por um só prazer, para que ele possa se acostumar a ser um homem livre e um genuíno rei, cuja primeira obrigação é ser senhor e não escravo de si mesmo; o mais corajoso o prepara para ser destemido e intrépido, ensinando-lhe que o medo é uma forma de escravidão.*<sup>6</sup> Os *magoi* na Pérsia, dessa maneira, eram *tutores reais* escolhidos por serem mais sábios, justos, corajosos e autocontrolados, sacerdotes da antiga religião persa, o masdeísmo, tidos em alta estima. É por isso que em seu DE MYSTERIIS Jâmblico prefere associar a *goêteia* ao *goês* (feiticeiro) e não ao *magoi*, preservando a interpretação positiva do termo *mageia*.

Foi Lúcio Apuleio (125-170 d.C.) o primeiro<sup>7</sup> a usar essa passagem de Platão para defender a honra dos *magoi* persas em detrimento das acusações por feitiçaria e a prática clandestina de oráculos. Os gregos e romanos dos Sécs. I e II d.C., na grande maioria, tinham os *magoi* como bondosos sacerdotes persas. Apolônio de Tiana (15-100 d.C.) criticava

---

uma classe inferior de *daimones*. Embora na diversificada cosmologia e cosmogonia neoplatônica um *daimon* não necessite de nenhum alimento provido pelas Almas humanas, os gnósticos e cristãos diziam que *daimones* de classes inferiores alimentavam seus veículos pneumáticos do sangue e da fumaça da carne queimada. Veja ótima discussão sobre o tema em Heidi Marx-Wolf, SPIRITUAL TAXONOMIES AND RITUAL AUTHORITY, PENN, 2016.

<sup>5</sup> Platão, ALCEBÍADES, 122a.

<sup>6</sup> Ibidem.

<sup>7</sup> Lúcio Apuleio, APOLOGIA, 25.

duramente a competência espiritual dos *magoi*. Enfrentando todas as críticas, julgamentos morais e preconceitos, a magia (ou a imagem dos *magoi* persas) sobreviveu até os dias de hoje por sua preservação, podemos dizer platônica, através dos tempos, graças a indivíduos como Apuleio. E os persas eram especialmente críticos com os *magoi*, cobrando deles as virtudes descritas por Platão acima. Dário I (550-486 a.C.) na *Inscrição de Behistum* diz: *Esmérdis é um falso magoi, um maguš*. Neste contexto, a palavra *maguš* aparece como uma emulação do verdadeiro *magoi*, uma espécie de *Macaco de Thoth* que emula (imita) Thoth como um arquétipo perfeito do mago. Como o macaco não possui o intelecto desenvolvido representado por Thoth, ele apenas emula, engana, dissimula a *realeza* de um mago. Por esse motivo os feiticeiros (*goês*) são considerados Macacos de Thoth, diferentes daqueles que representam Thoth, os *magoi*. O abismo entre eles é enorme e embora *pontes* tentem ser erigidas, elas acabam por desabar como uma Torre de Babel.

Mas os gregos e romanos do Séc. V d.C. já tinham uma visão bem diferente destes sábios *magoi* dos primeiros séculos. Após o Séc. III d.C. iniciou-se um grande debate (e perseguição) sobre a validade da *mageia* (aqui já identificada como feitiçaria ou *goêteia*) em detrimento da fé cristã que se espalhava por todo o Mediterrâneo. Após dois séculos de embates, gregos e romanos no Séc. V já depreciavam e condenavam completamente a prática da *mageia*. Heráclito de Éfeso, o pré-socrático considerado o pai da dialética, já usava a palavra *magoi* para identificar os sacerdotes viajantes da Pérsia que frequentavam a corte no fim do Séc. VI a.C., chamando-os de *vagantes da noite*. A palavra *vagante* neste contexto tem o mesmo significado de *vagabundo*. E Clemente de Alexandria (150-215 d.C.) escreveu: *Aqueles contra as profecias de Heráclito de Éfeso foram direcionadas? Os vagantes da noite: os magi, os bacantes, os mânades, iniciados – ele ameaça a todos com torturas após a morte, ele os ameaça com fogo, pois aquilo que o homem acredita ser iniciações nos mistérios são em verdade rituais ímpios.*<sup>8</sup> Seja como for, o *magoi* aqui descrito por Heráclito e Clemente, iniciados nos cultos de êxtase, bacantes, não podem ser comparados aos feiticeiros (*goês*), antes, são àqueles sacerdotes itinerantes mencionados por Platão em *A REPÚBLICA* (364b) como *agúrtēs* e *mantis*, sacerdotes pedintes e videntes e que nos papiros são reconhecidos como *ritualistas profissionais*. Se eles são *vagantes da noite* como observa Clemente, é porque são especialistas no conhecimento das estrelas e nos ritos de iniciação. Esses sacerdotes itinerantes, os *magoi*, frequentavam as cortes, como sugere Platão: *Sacerdotes pedintes e videntes frequentam as portas dos ricos e os persuadem de que são possuidores de um poder dado pelos deuses e fundamentado em sacrifícios e encantamentos; caso o indivíduo rico ou qualquer um de seus antepassados tenha cometido uma injustiça, poderão corrigi-la mediante rituais.*<sup>9</sup> Essa passagem de Platão nos coloca algumas pulgas atrás da orelha.

---

<sup>8</sup> Clemente de Alexandria, *PROTEPTICUS*, 22.

<sup>9</sup> Platão, *A REPÚBLICA*, 464b, p. 85.

Ele utiliza as palavras *agúrtēs* (sacerdote pedinte) e *mantis* (vidente) ao se referir aos *magoi*. No entanto, na época de Platão já havia uma distinção entre o vidente, que ocupava um posto oficial na *polis* e os sacerdotes pedintes. Então, essa passagem é muito importante porque ela sugere que Platão fala de um indivíduo polivalente, um especialista que combinava as qualidades de um vidente (*mantis*), um sacerdote dos cultos de êxtase e iniciação (*magoi*) e profundo conhecedor de magia negra (*goēteia*). Vê-se aqui a imagem do xamã e como tal, ele realizava inúmeras curas.<sup>10</sup>

Eurípedes, poeta trágico que viveu no Séc. V a.C. narra em seu ORESTES (1497) que Helena foi levada a Tróia por um dos motivos que seguem: 1. fármacos (drogas psicoativas); 2. feitiçaria; ou 3. fora roubada pelos deuses. Mas embora Eurípedes tenha estabelecido essas três hipóteses, ele nada diz sobre o mago que poderia ser capaz de tal feito. No entanto, em seu ELOGIA A HELENA, Górgias (480-385 a.C.) oferece quatro hipóteses que podem ter levado Helena até Tróia: 1. compulsão divina; 2. força humana; 3. persuasão pela palavra (discurso); ou 4. paixão. Górgias oferece uma análise da terceira hipótese e equipara o poder do discurso a *epoidai* (encantamento), explicando como a Alma pode ser fascinada (*epoidai fatinatio*) por este meio. Ele compara essa fascinação tanto a *mageia* quanto a *goēteia*, acrescentando que se trata de métodos que aprisionam a mente. Em outras palavras, Górgias sugere que um poderoso *magoi* pode ter fascinado Helena, convencendo-a a partir para Tróia.

Esse *magoi*, um xamã curandeiro da Antiguidade, competia diretamente com a medicina hipocrática na época. Em SOBRE A DOENÇA SAGRADA, Hipócrates, nascido por volta de 460 a.C., escreve: *Os primeiros homens que santificaram essa doença [i.e. epilepsia] devem ter sido, ao meu ver, do mesmo tipo dos atuais purificadores, mendicantes e outros farsantes. Fingem serem devotos e ter algum conhecimento especial.* Essa foi uma discussão direta sobre a epilepsia ser ou não uma doença sagrada como afirmavam os *magoi* da Antiguidade, comparados a feiticeiros mendigos de baixo nível, o oposto dos médicos – ou curandeiros – hipocráticos, treinados por Hipócrates. Neste texto, estes sacerdotes itinerantes são os mesmos citados por Platão acima.

Um astrólogo do Séc. II d.C., Vécio Valens, dizia que determinados tipos de conjunção produzem um *magoi*, que é enganador (*planoi*), sacrificador (*thytai*), curandeiro e conhecedor das estrelas que confunde as pessoas, bandido que falsifica dinheiro e forja assinaturas. Note aqui que o *magoi*, antes um sacerdote, agora equiparado a bandidos trapaceiros. Essa comparação serviu apenas para determinar o quanto Vécio acreditava que os *magoi*, também usando o artifício da trapaça, eram tão criminosos quanto

---

<sup>10</sup> O *magoi*, portanto, era considerado um sábio, conhecedor dos mistérios das estrelas, iniciado nas tradições de mistérios e quando se encontravam nas cortes, se interessavam em auxiliar as demandas espirituais e ancestrais de seus clientes. O *magoi* referido por Clemente descreve o *gões* (feiticeiro), que também oferecia seus dons, mas sua função era operar em nome dos desejos e anseios mundanos de seus clientes e de si próprio.

os bandidos. É interessante notar que foi Hipócrates que, em *SOBRE A DOENÇA SAGRADA*, chamou o *magoi* de sacrificador.

Em *O BANQUETE* (202e-203a) Platão nos deu uma boa definição sobre a natureza de um *daimon*, logo acima. Nessa passagem, note que Platão também conecta os sacrifícios aos *magoi* e os ritos de iniciação. Dessa maneira, o que exatamente é um *magoi*? Segundo a concepção do homem mediterrâneo da Antiguidade, um *magoi* é um *ritualista profissional*, um magista com conhecimento e capacidade para fornecer *medicinas* (bebidas extasiantes, quer dizer, poções mágicas, unguentos etc.), curandeiro de Almas e flagelador dos inimigos de seus clientes através da magia negra (*goêteia*), o exercício da magia dos PAPIROS MÁGICOS GRECO-EGÍPCIOS. No entanto, como vimos no início do texto, um *magoi* em realidade é um sacerdote persa, membro de uma casta real e secreta de iniciados. A um *magoi* persa era atribuída a responsabilidade de realizar os rituais de sacrifício, ritos fúnebres, divinação e interpretação dos sonhos. Os *magoi* exerciam um papel fundamental no império persa. Xenofonte, discípulo de Sócrates que faleceu na Trácia por volta de 354 a.C., chama os *magoi* persas de especialistas nos assuntos dos deuses, professores de elite que praticam e ensinam a *mageia* de Zoroastro, sacerdotes que viviam bem próximos aos reis persas. Mas os gregos e romanos tinham outra visão acerca dos *magoi*, considerado uma figura controversa, adorada e respeitada por uns, caçada e humilhada por outros. Para aqueles que acreditam nele, ele será sempre um vidente, sacerdote, curandeiro e filósofo; mas para aqueles que o desprezam, ele será uma fraude, um charlatão criminoso. Existem aqueles que precisam dele, outros vêm nele um perigo a sociedade.

Através das fórmulas de magia dos papiros, os *magoi* estabeleciam controle sobre as forças (*dynameis*) da natureza (*physis*), utilizando uma miríade de criaturas espirituais através de diversas técnicas de magia greco-egípcia. Possuidores deste conhecimento, eles eram capazes de manipular as emoções de seus clientes, libertando-os ou escravizando-os. Eis aqui a diferença entre um *magoi* (mago) e um *goês* (feiticeiro). O mago trabalha em função da cura da Alma de seu cliente, um feiticeiro trabalha em função dos desejos materiais de seu cliente.

A diferença entre magia e goécia é, portanto, inferida a partir do caráter de quem a executa, não na natureza ou exercício magístico. Seja como for, é por meio e através dos *daimones* que os magos e feiticeiros exercem seu ofício. Um mago procura sempre a *gnose*. Ele é um amante do conhecimento e, portanto, é conhecido por seu saber: Astrologia, Alquimia, Magia, Filosofia etc. Um feiticeiro preocupa-se pouco com este refinamento intelectual e, nesse caminho, é mais moral e eticamente corruptível.

Os videntes (*mantis*) eram reconhecidos pela *polis*, mas Sófocles, um dramaturgo grego que viveu em Atenas até 406 a.C., em seu *ÉDIPO REI* (387-8) se referiu a Tirésias, um respeitado e conhecido *mantis* de maneira pejorativa, acusando-o de *magoi*, um articulador e sacerdote mendicante, um malévolo magista cujos olhos só se abrem para os lucros. No Mundo

Antigo, aceitar dinheiro pela previsão de futuro, divinação etc. parece ser um dos elementos chave para se identificar um charlatão. Alguns magos sustentam essa mesma posição até os dias de hoje.

Ao *magoi* também foi atribuído a prática da magia negra (*goēteia*), o que o equipara em arte ao *goēs*. Ele era acusado de lançar maldições, produzir feitiços de amarração, interferir na vida de desafetos etc., além da capacidade de curar injustiças cometidas por ancestrais. Distúrbios emocionais e desordens mentais eram tratados como espíritos ruins (*kakodaimonos*) obsessores, responsáveis diretos pelas mazelas. O acometimento por essas desordens e distúrbios, considerados *estados* de doença, é devido às injustiças e pecados de ancestrais, quase sempre religiosos. A cura de infortúnios como este se dava através de rituais e purificações.

Ζητει Μυστηρια